

DANTE E RIOBALDO ATRAVESSANDO O INFERNO

Alessandra Maria Mamere Caixeta Martins

João Guimarães Rosa se empenha em uma autêntica busca metafísica, transcendental. Este tema, recorrente na tradição literária, aproxima a obra do mineiro do poeta italiano: “Como a *Divina Comédia*, *Grande Sertão: Veredas* é uma narrativa teológico-política. Aqui, ainda, a vida humana é viagem, passagem, travessia”.¹ Rosa se irmana a Dante na intenção de refletir sobre o sentido da existência humana e na busca do conhecimento. Nessa busca, suas personagens percorrem caminhos tortuosos: é descendo ao Hades, indo até as profundezas de si mesmos, que ambos alcançam a plenitude ou, conforme Rosa, a “alegria”.

Minha leitura se propõe, sem perder de vista os procedimentos estruturais do romance, a uma análise intertextual que vê na travessia do *Liso do Suçuarão* uma analogia com a passagem de Dante pelo Inferno.

Riobaldo está às voltas com a questão da origem, origem da essência humana, origem do bem e do mal, e essa busca se dá por meio dos mitos fundadores da nossa e de outras culturas. Assim, a travessia do *Liso do Suçuarão* poderia ser uma metáfora da própria travessia de Riobaldo em busca do sentido da existência e da essência do ser.

De igual forma, Dante Alighieri em sua *Divina Comédia* empreende uma viagem através dos três mundos - Inferno, Purgatório e Paraíso - numa progressiva conscientização sobre o sentido da existência. Anna Maria Melini, analisando a *Divina Comédia*, diz o

¹ HANSEN, João Adolfo. *O O: A ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000. p. 169.

seguinte: trata-se de uma análise pessoal, mas sobretudo de uma análise social, política e religiosa de sua época”.² Em Dante, assim como em Rosa, o espiritual e o político, o sagrado e o profano estão estritamente ligados, coexistem.

Se a narrativa rosiana possui uma estrutura mítica e se é caracterizada pela dualidade, pela coexistência de contrários, que alcança a fusão do real com o imaginário, podemos inferir que o *Liso do Suçuarão* é, segundo Antonio Candido, “simultaneamente transponível e intransponível, porque sua natureza é mais simbólica do que real. A topografia muda de acordo com a situação”.³ O *liso* é descrito no primeiro momento, quando da tentativa de travessia comandada por Medeiro Vaz, sob uma perspectiva diferente de quando o bando de jagunços o atravessa sob a chefia de Riobaldo, personagem imbuído de uma busca metafísica, transcendental. Sobre a travessia malograda, Riobaldo diz que a areia puxava "os cascos dos cavalos para trás"⁴. Já como chefe Urutu Branco afirma: "Sortilégios? Tudo ajudou a gente, o caminho mesmo se economizava"⁵, confirmando o aspecto maravilhoso que envolve o *liso*, conforme a posição de Antonio Candido. Riobaldo consegue atravessar o *raso* por ter feito o pacto com o Demônio. O pacto simboliza, assim, o meio para adquirir a força interior tão almejada por Riobaldo para a execução da vingança. A travessia se torna possível pela “determinação” do chefe.

O chefe Medeiro Vaz, influenciado por Diadorim, decide atravessar o *Liso do Suçuarão*, deserto que jamais fora traspassado por alguém, a fim de vingar o traidor

² MELINI, Ana Maria. *A Divina Comédia*. Revista da Universidade Católica de Goiás. Goiás: Praça Universitária, 1979.

³ CANDIDO, Antonio. *O Homem dos Avelhos*. João Guimarães Rosa: Ficção Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 81.

⁴ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 38.

⁵ Idem, p. 448.

Hermógenes, que matara Joca Ramiro. Os jagunços se encontram eufóricos e se preparam para o empreendimento com muitos cuidados: “...- a gente toda discorria, se esparramava, atarefados, ajudando para o derradeiro.”⁶

No momento em que o grupo adentra o deserto, a paisagem torna-se árida, escassa, quase inexistente. Riobaldo refere-se ao *liso* como sendo “uma terra diferente, louca, e lagoa de areia”⁷. Esse aspecto arenoso, assustador, de pesada atmosfera descrito por Riobaldo, é muito semelhante à descrição do Inferno dantesco, em que, no canto XIV, há uma referência a um areão ardente atravessado por um riacho de águas vermelhas e ferventes que corre entre margens de pedra - “O lugar é um árido areão/ semelhante à planura percorrida/ pelos pés, noutros tempos, de Catão”⁸. Como se percebe, de forma correlata, o narrador de GS:V descreve o ambiente infernal, assustador, projetando-lhe uma visão ao afirmar que os horizontes, “trancados não se alteravam”. Não há perspectiva de sucesso, de melhora, não há sinal de vida, os jagunços não encontram água, animais ou vegetação, deparam apenas com “capins mortos; e uns tufos de seca planta”. O chão é cinzento e o amanhecer, que normalmente simboliza o renascimento, um novo ciclo, é falecido, tamanho é o sofrimento. Segundo Antonio Candido, “no *Liso do Suçuarão* há um abafamento de deserto, cuja secura e aridez penetram nos personagens e no leitor, cerceando a vontade.”⁹ Desfaz-se a vontade do chefe Medeiro Vaz de seguir, de vingar a morte de Joca Ramiro, pai de Reinaldo. Podemos inferir que o insucesso da travessia se deve ao fato de ela não ter sido empreendida por Riobaldo, pois é ele quem busca o sentido da existência, é ele quem está no meio do caminho à procura do conhecimento.

⁶ Idem, p. 36.

⁷ Idem, p. 37.

⁸ ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia: Inferno. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 103.

⁹ Op. cit. p. 80.

Recuperando o Inferno dantesco, acontecimentos aterrorizantes são testemunhados por Riobaldo nessa sua primeira passagem pelo *raso* (inferno). Quando o bando recua, a fome e o desespero são tão grandes que os jagunços matam um homem que fora confundido com um macaco, comem sua carne e só após algum tempo, pela mãe do rapaz, ficam sabendo que “era criatura de Deus, que nu por falta de roupa...”. Essa cena também pode ser comparada à passagem de Dante pelo Inferno: no canto XXXIII, está descrita a tragédia do conde Ugolino, que fora condenado a roer, por toda a eternidade, o crânio do arcebispo Ruggieri, e conta a história da tragédia que acometeu Ugolino: trancado numa torre com os filhos, viu-os morrerem de fome. Para não morrer também, comeu a carne dos próprios filhos até que sucumbiu. A crítica é unânime ao afirmar que nesses versos está, talvez, uma das maiores expressões de dor e desespero que a poesia universal já concebeu.

Nestas passagens que envolvem canibalismo, crime hediondo totalmente abominado pela tradição judaico-cristã, Dante e Riobaldo questionam não só as injustiças, mas a origem do mal. Nas duas obras o desespero leva as personagens (Ugolino e os jagunços) a ultrapassar as convenções, a avançar as leis cristãs. Em GS:V o bando de jagunços, num momento de extrema fragilidade e fraqueza, após a mal sucedida travessia do *liso*, não percebe que está transgredindo um valor cristão comum a todos os seres humanos. Naquele momento, havia tão somente a necessidade de saciar a fome, uma carência material que desconhece leis, costumes e religião. Enquanto não se tem consciência do ato abominável que se pratica, a noção de pecado não se instaura, mas bastou a advertência da mãe da vítima de que o filho era “criatura de Deus” para que a repulsa pelo ato e o sentimento cristão se aflorassem. Como em demais circunstâncias no romance (a cena do pacto, por exemplo), a idéia que encerra o valor simbólico causa mais desconforto do que o próprio ritual.

Na Divina Comédia, o conde Ugolino transgride as leis cristãs num momento de desespero, mas como pagamento é obrigado a roer eternamente o cérebro do arcebispo Ruggieri, político responsável pela sua prisão. Dante, no final deste canto pergunta: “e se foi a Ugolino atribuída/ de entregar teus castelos à maldade/ por que à prole em tal cruz tirar a vida?”¹⁰, a fim questionar a origem do mal, o porquê da injustiça no mundo.

Dante, descendo ao Inferno, toma consciência do “grande pecado” do mundo. Após essa conscientização ele está pronto para sair do Inferno e continuar sua caminhada até alcançar o Paraíso: “subimos, ele primo e eu segundo,/até surgir-nos essas coisas belas,/que o céu conduz, por um vazio rotundo;/saímos por ali, a rever estrelas”¹¹. Riobaldo, passando por um processo de purgação através da fala catártica, alcança a elevação, ou como afirma João Adolfo Hansen: “como a recordação de Riobaldo é anamnese e seu contar uma ascese, faz-se a purgação da alma e sua conversão em Deus”¹². A *Divina Comédia* é também a história da conversão do pecador a Deus, não só da conversão do indivíduo, que se refugia em Deus, mas de todos os homens que lutam por transformações e por justiça. Observamos vários pontos de contato entre essas duas obras: podemos achar certa similitude entre o contexto histórico da Idade Média e do século XX, uma vez que são épocas igualmente perturbadas, caracterizadas por injustiças sociais e políticas, em que os dois poetas (Dante e Rosa) procuram entender a origem da essência humana, do bem e do mal, o porquê da injustiça no mundo e, sobretudo, o périplo do pecado à redenção.

¹⁰ Op. cit., p. 220.

¹¹ Idem, p. 230.

¹² Op. cit., p.

É por esses aspectos (o da busca, o do desejo de conhecer-se a si mesmo) tão peculiares à personagem Riobaldo que a travessia do *liso* torna-se possível, levando o chefe Urutu Branco a alcançar êxito. Após o pacto com o Diabo, Riobaldo transforma-se totalmente. Um jagunço que se atolava em dúvidas, questionamentos, relativizações (“Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma”)¹³, é substituído por um chefe corajoso, decidido, agressivo. É nesse clima de total confiança que Riobaldo decide atravessar o *liso*, a fim de seqüestrar a mulher do Hermógenes.

Ao contrário de Medeiro Vaz, Riobaldo entra no *raso* sem se preparar, seguindo somente sua intuição, sem se preocupar com provisões: “...eu queria tudo, sem nada. (...) Eu não era o do certo: eu era o da sina!”¹⁴.

E, desta vez, todos os sinais são, aparentemente, positivos: antes de penetrar no inferno, Riobaldo pensa em Otacília, mulher que representa a espiritualidade, a elevação, o amor sublime, tal qual Beatriz, que espera Dante à porta do Purgatório: “A fortes braços de anjo sojigado”. Nesse momento, Rosa remete-se à tradição judaico-cristã, permeada por anjos protetores, com o intuito de chamar a atenção de seu leitor para o lado espiritual, um lado que ultrapassa a visão banal das coisas. Assim como Dante fora conduzido por Beatriz, Riobaldo é conduzido pelo amor purificado de Otacília - amor que determina o término de sua busca amorosa e do seu próprio destino. Outros sinais são deixados pelo narrador como prenúncio do êxito da travessia:

¹³ Op. cit., p. 121.

¹⁴ Idem, p. 447.

“O dia parava formoso, suando sol, mesmo o vento suspendido. Vi o chão mudar, com a cor de velho(...) Vi uma coruja - mas corujinha entortadeira; e coruja só agoura mesmo é em centro de noite, quando dá para risã”.¹⁵

Vale lembrar, como foi dito anteriormente, que em *Grande Sertão: Veredas* há uma dualidade, que se caracteriza pela coexistência de contrários, tudo é e não é. Nesse momento, a coruja não ameaça, não agoura, mas esse e os outros presságios descritos acima são, na verdade, falsos presságios, pois, após a travessia vitoriosa, Riobaldo ganha a batalha, mas perde o seu grande amor, Diadorim, na realidade, Maria Deodorina. Desta forma, a travessia do *liso* alcançada por Riobaldo é apenas um dos círculos que compõem o Inferno, pois Riobaldo percorreu um longo caminho, passou por várias provações para alcançar a plenitude. Dante, como Riobaldo, passa por vários estágios em sua caminhada. À medida em que vai subindo, círculo por círculo, ganha consciência de sua busca, de si mesmo. Assim, o Inferno é, para ambos, um estágio a ser superado.

Oscilando conforme as circunstâncias do sujeito, anteriormente demonstradas, o sol neste momento perde o seu poder destruidor e nefasto, tornando-se símbolo positivo, fonte de luz, de energia, de vida. Com o céu cheio de nuvens, o clima torna-se mais ameno e propício para a caminhada. Os jagunços deparam com carrapatos, animais - “reses bravas, gado escorraçado fugido”, formigas, abelhas que indicam a presença de vida: folhagens, plantas delicadas e, conseqüentemente, água. “Então, alegria”. Momento de glória, de plenitude, de idolatria e mitificação do chefe Urutu Branco.

¹⁵ Idem, p. 446.

Riobaldo caminha com tanta determinação, que dá as costas ao perigo, a todos os riscos que a travessia oferece, e encara o desafio com toda a certeza de sucesso: “Mas eu dava as costas à cobra e achava o ninho dela, para melhor acerto”¹⁶. O grupo entra na areia cinzenta e os cavalos viajam “como dentro dum mar”. O deserto assume, assim, a simbologia do mar, relativa à transitoriedade, ao fluir da vida. Poderíamos concluir que essa travessia do *liso* é uma alegoria da travessia do próprio Riobaldo - uma travessia do sertão e, ao mesmo tempo, de si mesmo - num incrível movimento de lançar-se no oceano da grande existência. Essa comparação do deserto com o mar simboliza a relativa facilidade com que o chefe Urutu Branco, decidido, consegue lançar-se ao seu grande objetivo - vingar o traidor. Esse fato corrobora a opinião de Antonio Candido acerca do Liso, “que o deserto é a projeção da alma”.¹⁷

Riobaldo atravessa o deserto em nove dias e depois se depara com a fazenda de Hermógenes, com o intuito de vingá-lo. No Inferno dantesco há nove círculos e no nono círculo são punidos os traidores. Por cada círculo que passa, Dante trava novos conhecimentos. Quando chega ao Paraíso, Beatriz o ajuda a entender que é próprio da natureza humana esta “subida”. Riobaldo também passa por várias experiências, várias travessias. Se aceitarmos que a travessia do *liso* corresponde ao nono círculo, há que resgatar as outras travessias empreendidas por Riobaldo. Fazendo um recorte das mais sintomáticas, pode-se elencar: o encontro com o Menino no rio São Francisco, o adentrar no sertão por meio de Diadorim, o pacto que estabelece com o Demônio, a vingança que se concretiza com a morte de Hermógenes, mas também de Diadorim, o reencontro com Zé Bebelo que introduz Quelemém, mentor espírita responsável pelo restabelecimento do equilíbrio de Riobaldo. O nono círculo é o mais

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 446.

¹⁷ Op. cit., p. 81.

profundo do Inferno, é o fundo do fosso em que Dante depara com a assustadora figura do Demônio. Após essa visão, Dante está pronto para sair do Inferno a fim de continuar sua jornada pelo Purgatório e, finalmente, pelo Paraíso. Riobaldo atravessa o *liso* em nove dias para chegar na fazenda do traidor, “nos fundos da Bahia”. Após a vingança, Riobaldo conclui sua travessia pelo sertão, encerrando, assim como Dante, um ciclo.

Como não poderia ser diferente, Riobaldo atribui o sucesso da travessia ao pacto com o Demônio e, como a relação estabelecida entre ambos caracteriza-se pela troca, pela condicionalidade, na saída do deserto, vitorioso, o pactário lembra-se do Diabo e da dívida que adquire: “O demo! Que tanto me ajudasse, que quanto de mim ia tirar cobro? - ‘Deixa, no fim me ajeito...’ - que eu disse comigo. Triste engano. Do que não me lembrei que a bula dele é esta: aos poucos o senhor vai, crescendo e se esquecendo...”.¹⁸ Esse crescimento poderia simbolizar a onipotência que Riobaldo vivencia nesse momento. Onipotência que o deixa tão cego ao ponto de não perceber algumas insinuações de Diadorim. Onipotência que o distancia de seu grande amor e, conseqüentemente de si mesmo, de sua própria essência, por isso o esquecimento. Desta forma não é gratuita a presença ambígua do cego Barromeu, que está ao lado de Riobaldo para testemunhar a cegueira do pactário.

Nessa atmosfera de grandes certezas e também de medo do que poderia vir mais tarde, “em manhas”, o chefe Urutu Branco depara com um homem, Treciziano, que, de acordo com sua perspectiva, parece ser a encarnação do próprio demo. Assustado com aquela estranha criatura, com aquele homem “zuretado”, sem pensar, Riobaldo comete o seu único assassinato voluntário. Poderíamos dizer que este fato está relacionado à cobrança do Demônio. Riobaldo consegue atravessar o *liso*, mas paga tirando a vida de um homem, assim como vence o Hermógenes por ter estabelecido o

¹⁸ Op. cit., p. 450.

pacto, mas é vencido porque perde Diadorim, seu amor. Por isso afirmamos anteriormente que a travessia vitoriosa do *Liso do Suçuarão* alcançada por Riobaldo foi um falso presságio.

O percurso riobaldiano aproxima-se do périplo de Dante, uma vez que ambos estão empreendidos na busca da essência humana. Dante e Riobaldo, mergulhados na própria existência, buscaram o conhecimento de si e dos outros, transcendendo, assim, o normal, o mediano dos homens. Do ponto de vista estrutural, há, sem dúvida, diferenças: a viagem de Dante é linear - Inferno, Purgatório e Paraíso, indo do baixo para o alto. Riobaldo também alcança o Paraíso, não definitivamente, levando em conta a dialética, o fluir, mas seguindo outro percurso: inicialmente encontra-se numa situação de equilíbrio, saindo desta situação por meio de Diadorim. Após uma longa travessia restabelece o equilíbrio, ainda que transitório, conforme afirma Riobaldo: “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando”.¹⁹ Esse equilíbrio, essa calmaria passageira abrem sempre a possibilidade de novos conflitos, de novas buscas, possibilitando, assim, um crescimento interior, uma transformação. Travessia.

Referências Bibliográficas:

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno*. São Paulo: Editora 34, 2000.

CANDIDO, Antonio. *O Homem dos Avessos*. João Guimarães Rosa: Ficção Completa.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

¹⁹ Idem, p. 15.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

HANSEN, João Adolfo. *o O: A ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.

MELINI, Ana Maria. *A Divina Comédia*. Revista da Universidade Católica de Goiás. Goiás: Praça Universitária, 1979.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Grande Sertão: Veredas – Roteiro de Leitura*. São Paulo: Ática, 1992.